



## Parte um

1

2

3

## Parte dois

4

5

6

7

8

9

10

11

12

## Parte três

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

# **Agradecimentos**

**Autora**

**Créditos**

*Para os meus pais*

# Parte um

Somente Trixie está no portão quando ele estaciona. Ela está sentada em cima do traseiro olhando para alguma coisa do outro lado da estrada, as patas dianteiras plantadas à sua frente, sólidas como tocos de árvore. Provavelmente é uma iguana, pensa Clyde, ou uma cutia, a julgar pela expressão em sua cara. Ele olha na mesma direção enquanto puxa o freio de mão, mas não consegue enxergar o que ela talvez esteja vendo. Só tem mato daquele lado da estrada: é mato até lá embaixo, no rio, e depois mais mato, até chegar nas plantações de cacau. As folhas brilham por causa da garoa que acaba de cair, e o asfalto da estrada está fumegante. Ele caminha em direção ao portão, tira a camiseta, enxuga o suor do rosto, da nuca.

Ele se limpou um pouco antes de sair do trabalho, mas o cheiro da zona industrial ainda está impregnado — no seu cabelo, em suas roupas, entranhado em suas juntas. As pessoas se referem a isso como “cheiro de óleo”, ou “cheiro de petroquímica”, se são um pouco mais informadas. Hoje, Clyde sabe, ele cheira a sebo, amônia e ovos podres, porque passou a tarde percorrendo a fábrica com o engenheiro, selando válvulas, abrindo comportas, coletando amostras em pequenos sacos plásticos e, em seguida, fechando novamente as comportas e abrindo de novo as válvulas. Normalmente ele estaria vestido num macacão azul em vez de suas próprias roupas, e teria tomado banho na fábrica antes de ir embora. Mas, desde o assalto, há algumas semanas, ele mudou seu turno para o dia — apenas como medida temporária — para poder ficar em casa com Joy e os meninos durante a noite. Não paga tão bem quanto o turno da noite, mas Joy diz que se sente mais segura com ele em casa.

Brownie e Jab-Jab vêm correndo até o portão, seus focinhos

cobertos pela poeira vermelho-alaranjada que há debaixo da casa. “E aí? Tava todo mundo dormindo?”, ele pergunta. Eles se espreguiçam e espirram olás, arfando em sorrisos longos e felizes. “Cachorrada preguiçosa!”, diz a eles, enquanto os afaga por entre as barras do portão. “Preguiçosa!” Mas eles sorriem e abanam o rabo: sabem que ele não está bravo. Mas, peraí, ele pensa, qual o sentido de eles estarem acordados durante o dia? Seria melhor que dormissem durante o dia para que estivessem acordados à noite. Não se pode esperar que um animal fique acordado vinte e quatro horas por dia, nem mesmo um cão de guarda.

“Pra dentro, pra dentro”, ele diz, enquanto vai levantando o trinco de cima do portão. Os dois vira-latas recuam até o gramado malcuidado na lateral da rampa da garagem, mas Trixie se levanta e fica ali, parada, inabalável, uma parede maciça de músculos rottweiler franzindo o cenho para o espaço onde as duas metades do portão se juntam.

“O que aconteceu com você?”, Clyde lhe diz. “Você não vai sair pra rua, você sabe.” Ele olha novamente por cima do ombro, procurando pela coisa que parece incomodá-la. O sol havia se posto atrás das árvores, e o caminho estava fresco e tranquilo, mergulhado nas sombras. Os pássaros já haviam se recolhido; faltava apenas aquele bem-te-vi na goiabeira perto do portão, o falastrão que é sempre o último a se retirar. “Você ainda está por aqui?”, Clyde diz. “Todo mundo já voltou pra casa!” O pássaro pisca os olhos, inclina a cabeça listrada para um lado e para o outro; e então, como se tivesse repentinamente percebido como estava sendo tolo, sai voando apressado.

Clyde abre apenas um pouco o portão e pega Trixie pela coleira, tentando tirá-la dali. “Eu preciso guardar o carro!”, ele pede. Ela rosna: é um leve ruído em sua garganta, os olhos fixos no chão. Se ele lhe der mais um centímetro, sabe que ela vai partir em disparada na direção da estrada, e eles passarão o resto da noite tentando pegá-la para trazê-la de volta ao quintal.

Clyde deixa a tranca se soltar e balança o portão. “Paul!”, ele chama. “Paul! Vem aqui segurar esse cachorro pra mim.”

Há um breve movimento na janela — alguém acena para dizer que está indo —, e então Peter vem andando pela varanda. Os meninos são gêmeos, mas, mesmo dali, de cinco a dez metros de distância, Clyde pode dizer que aquele é Peter, não Paul. Paul tem a tendência de andar se esgueirando — como se estivesse brincando de ficar invisível, Clyde sempre pensa —, mas Peter anda com passos firmes, a cabeça erguida, os braços um pouco afastados do corpo, e não com os cotovelos colados, como se não soubesse o que fazer com eles. Peter tem apenas treze anos, mas já tem quase a mesma altura de Clyde, e é tão peludo quanto. Ele tinha trocado o uniforme da escola por calções, e as marcas das meias ainda contornavam seus tornozelos.

“Tá”, diz Peter, enquanto desce os degraus. Ele atravessa rapidamente o concreto quente, aos pulinhos, até o trecho coberto de grama na lateral, a grama marrom e ressecada pela estação seca.

“Cadê o Paul?”

“Saiu.”

“Saiu? Saiu pra onde?”

“Sei lá. Foi pro rio, eu acho.”

“Segura esse cachorro pra mim enquanto entro com o carro.”

Peter segura Trixie enquanto Clyde manobra para dentro da garagem, um galpão ao lado da casa erguido com varas compridas e zinco. Quando ele a solta, a cadela se afasta e começa a se sacudir, como se tivesse acabado de sair de um sumidouro. Depois ela retorna à sua posição na frente do portão, sentada sobre as ancas, olhando para o mato do outro lado da estrada.

Joy está sentada quando Clyde entra, o ventilador virado para ela, jogando o vento em sua direção. Os lençóis que eles colocaram sobre o sofá e a poltrona desde o assalto estão estendidos e organizados, mas, mesmo assim, o lugar tem um aspecto terrível. Joy parece cansada e com calor, o cabelo ensebado, preso num rabo de cavalo, os pés descalços cobertos de poeira, pretos de terra. Ele próprio está se sentindo muito

encardido para ir até ela e a cumprimentar com um beijo.

“A água acabou?”, ele pergunta.

“Sim.”

“Quando foi? De manhã?”

“Perto da hora do almoço”, ela diz. “Eu vi que a pressão estava diminuindo, então enchi as vasilhas.” Ela continua falando enquanto Clyde vai até a cozinha para largar suas chaves. Ele espanta as moscas dos pratos que se acumulam na pia. “Não deu pra cozinhar”, ela diz. “Eu tirei o *roti* do congelador e fiz uma berinjela pra comer com ele. Ia fazer curry, mas não deu pra cozinhar.”

Ele volta para a sala de estar e levanta as tampas das travessas de pirex sobre a mesa: *choka* de berinjela, carregado na cebola e no alho, do jeito que ele gosta, um pouco de salada de pepino e algumas fatias de *paratha roti* quentes enroladas num pano de prato. “Não esquenta, isso aqui tá ótimo!”, diz Clyde. Ele fala aquilo exagerando na animação, para que ela não se sinta mal por aquele jantar tão simples.

Ele lava as mãos usando um balde no banheiro e veste uma camisa limpa: aquilo terá de servir por hoje, no lugar de uma ducha. De volta à sala de estar, ele puxa a cadeira na ponta da mesa, mas Joy não se levanta. Ela permanece sentada no seu canto do sofá, a mão direita girando a aliança, empurrando-a até a junta do dedo e depois puxando-a de volta para baixo.

“O que houve?”, ele pergunta.

Os olhos dela saltam para o relógio na parede, bem atrás da cabeça de Clyde.

“Que foi?”, ele pergunta, mais uma vez.

“Só estou aqui pensando como é que o Paul ainda não voltou pra casa.”

Ele se senta, puxa uma fatia de pão *roti* do meio do pano e coloca em seu prato. “Ele vai voltar quando achar que deve, eu acho.”

“Mas já está escurecendo”, diz Joy.

Peter entra, olha para os dois e depois se senta. Clyde pega um pouco da berinjela e usa a parte de trás da colher para

espalhá-la em seu prato, para fazê-la parecer maior.

“Tava pensando em ligar pro Romesh”, diz Joy, “e ver se ele está com eles.” Romesh é o irmão mais novo dela — ele vive com a família a pouco menos de um quilômetro estrada acima, num sobrado cheio de carpetes e aparelhos de ar condicionado. Joy o observa enquanto ele rasga um pedaço do *roti*. “Você não está preocupado?”, ela pergunta.

Ele enfia a comida na boca e mastiga, os antebraços na beira da mesa, o rosto fechado, encarando o espaço vazio à sua frente. Ao lado, Peter olha para baixo, concentrado em sua refeição.

“Hein?”, ela pergunta novamente, depois que Clyde engole. “Você não está preocupado?”

“Eu?”, diz Clyde. “Por que eu me preocuparia?”

“Eu vou ligar pra eles pra ver se Paul está lá”, ela diz.

Ele não está. Depois que desliga, Joy vem para a mesa e os três comem juntos em silêncio.

Quando termina de comer, Clyde leva seu prato à cozinha, mas não tem onde colocá-lo. A pia está lotada de pratos sujos, e os balcões, cobertos de panelas, tigelas e potes de sorvete, todos cheios de água. Ele espanta as moscas com a mão.

“Clyde, não se preocupe com isso”, diz Joy, entrando na cozinha. “Vá sentar na varanda. Você quer uma Carib gelada ou algo assim? Pega uma garrafa ali na geladeira.” Ela tira o prato de suas mãos.

“Amanhã trabalho cedo”, ele diz.

“Bom, só uma cervejinha não vai te matar, né? Não dá pra tomar só uma?”

“Nah”, ele diz. “Vou tomar uma água com gelo. Nós temos gelo?”

“Um monte”, ela diz. “Vai descansar, Clyde. Eu levo a água pra você.”

Na varanda, ele se acomoda numa cadeira e acende um cigarro. Consegue ouvir claramente as manchetes do noticiário das sete horas vindas da casa do vizinho: a tradicional mistura de mentiras contadas pelos ministros do governo, mortes nas estradas, estupros, sequestros, e assim por diante. As mesmas

histórias, dia após dia.

Brownie e Jab-Jab sobem até o portão de ferro fundido que fica no último degrau e abanam o rabo pra ele, os olhos brilhantes e alertas agora que anoiteceu. Ele estica o pescoço para olhar: o poste na sua rua não funciona há anos, mas ele consegue distinguir a silhueta robusta de Trixie ainda postada em frente ao portão.

“Deram de comer pros cachorros?”, Clyde pergunta a Joy, quando ela vem com a água gelada para se sentar com ele.

“Acho que não”, ela diz. “Acho que esta é a semana do Paul dar comida pra eles. É por isso que estou dizendo que fico preocupada em saber onde ele está.”

“Ele disse alguma coisa antes de sair?”

“Não. Não que eu me lembre. Mas ele mal tem aberto a boca desde o assalto. Você não acha? Ele está incomodado com o que aconteceu.”

“Bom”, disse Clyde. “Incomodado? Ou emburrado?”

“Incomodado”, diz Joy.

“Você está querendo dizer que eu peguei muito pesado com ele?”

“Não estou dizendo isso. Só estou dizendo que vocês discutiram, não foi? E que ele ficou incomodado.”

Clyde junta as mãos sobre o colo e olha para fora, na direção do quintal da frente. Ele tira os chinelos e apoia um dos pés no outro joelho. Durante todos esses anos, Joy sempre disse que ele pegou muito pesado com o menino: mas o que ela está pensando agora? Será que ele foi duro demais, ou talvez não o suficiente? Ele toma um gole de água e põe o copo de volta no porta-copos. Olha de novo para o quintal da frente, balança o pé. Jab-Jab ergue a orelha para ouvir alguma coisa farfalhando no mato e depois sai trotando escada abaixo para investigar.

Hoje faz duas semanas que o assalto aconteceu. Clyde chegou em casa e encontrou o portão entreaberto, a casa escura. Ficou sentado no carro, os dedos agarrados ao volante, sabendo o que poderia estar esperando por ele lá dentro. “CHACINA”, diziam os jornais, quase todos os dias, acima das fotos. Em outros dias:

“MAIS UMA CHACINA”, ou “QUANDO ISSO VAI ACABAR?”. Dois vizinhos, o sr. Chin Lee e o sr. Bartholomew, entraram com ele, armados com facões e porretes, e encontraram Joy e os meninos amontoados no chão da cozinha, a boca amordaçada com retalhos de pano, as mãos e os pés amarrados com arame. “Estão vivos, graças a Deus!”, disse o sr. Chin Lee. “Todos estão vivos!” Clyde se sentou contra a parede com a cabeça entre as mãos; os vizinhos trouxeram alicates, comida, Dettol, gelo. O sr. Bartholomew pegou o telefone e ligou para a esposa. “Todos estão bem”, ele disse. “Eles só foram amarrados. Ninguém morreu.”

Na manhã seguinte, quando acordou, ele já tinha um início de dor de cabeça. Havia planejado fazer apenas o chá de Joy e voltar para a cama, mas, quando chegou na cozinha, experimentou a sensação nojenta de esmagar uma larva com os pés descalços. Elas estavam por todo o piso; Paul, usando chinelos de dedo, já estava dando o seu jeito com um pedaço de jornal na mão. “Putaquepariu, um dia!”, disse Clyde. Paul não disse nada, talvez tenha se encolhido um pouco mais em direção ao chão. Clyde estava fervendo de raiva. “Um dia que você deixa de tirar o lixo, e acontece essa merda!” Ele mordeu a língua, mas as palavras continuaram dentro de sua cabeça: *E as joias de Foy já eram, e a casa foi virada de ponta-cabeça, e eu estou perdendo um dia de trabalho. E aí o Paul me vem com essas idiotices dele! Sempre com essas idiotices!* “Bom, você pode esquecer aquele pré-Carnaval em Port of Spain”, Clyde estourou. Fazia semanas que os meninos não falavam de outra coisa além dessa festa: Clyde ia levá-los de carro até Port of Spain no começo da tarde e os buscaria à meia-noite. “Ninguém vai a festa nenhuma!” Ele ficou esperando, possesso, mas não houve resposta. “Você não tem nada a dizer em sua defesa?” Mas Paul apenas ficou ali, com aquele seu olhar vazio; Clyde teve de se segurar para não dar um belo safanão na cabeça do menino para despertá-lo. “Quer saber?”, disse Clyde. Ele ouviu as palavras jorrando de sua boca. “Talvez a gente devesse mandar você para St. Ann’s pra valer desta vez.” Paul não deu nenhuma resposta, mas alguma mudança sutil em sua

postura — um leve rebaixamento da cabeça, um despencar de ombros — mostrou a Clyde que o menino tinha ouvido e entendido.

Na varanda, Clyde apaga seu cigarro. O noticiário agora fala sobre o preço do petróleo. Seus pés se enfiam de novo nos chinelos, e ele agora anda pela casa — pelo corredor escuro, passando pela sala de estar, depois atravessando a cozinha até o corredorzinho que leva para os quartos. Ele bate na porta do quarto dos meninos.

“Sim?”, diz Peter. Sua voz agora é grave, uma voz de homem.

“Sou eu.”

Peter abre a porta, dá um passo para trás a fim de dar espaço a Clyde. Atrás dele, em sua cama, há um livro e um caderno abertos, canetas, lápis, réguas. Os lençóis da cama de Paul estão estendidos, impecáveis: um par de calças cáqui dobradas ao meio na beirada da cama, a camisa azul-clara amassada no chão, ao lado da mochila.

“Você olhou na mochila dele?”, Clyde pergunta.

“Você quer que eu olhe? Pra quê?”

Ele fica parado na porta enquanto Peter tira um punhado de livros de dentro dela, folheia as páginas. “Acho que não tem nada aqui”, diz Peter. “O que você quer que eu procure?” Ele vasculha o fundo da mochila, tira o que encontra lá: uma bromélia seca; vários caroços de passas de ameixa salgadas; uma embalagem de Caramel; um canudo mastigado; algumas moedas. Peter olha para Clyde por alguns instantes, a mochila vazia na mão, e depois lentamente começa a colocar os livros de volta.

“Vem cá”, diz Clyde, quando Peter termina. Peter olha para os livros e os papéis organizados em cima de sua própria cama e depois segue Clyde pela casa, até saírem na varanda.

Está bem escuro agora — os morcegos já saíram. Joy acende a luz, uma lâmpada fluorescente que tremula e faz a cabeça de Clyde doer, mas pelo menos mantém os morcegos afastados. Paul, quando era menor, costumava dizer que aquela luz deixava o rosto de todo mundo verde. Ele tem razão, pensa Clyde, enquanto se senta na cadeira da varanda e estica o braço para

pegar seu maço de Du Mauriers: essa luz deixa todo mundo com uma cara meio de doente. Em lugar do marrom costumeiro, agora todos eles parecem meio desbotados, meio mortos. Enquanto eles conversam, insetos insistem em voar contra a lâmpada lá em cima, fazendo com que pequenas sombras dancem pelo rosto deles.

“Me fala sobre hoje à tarde”, diz Clyde. “A que horas ele saiu?”

“Foi logo depois que a gente voltou da escola”, diz Peter. “Umas quatro e meia.”

“E o que ele disse?”

“Nada. Ele me perguntou se eu queria ir lá pra perto do rio, e eu disse que não, e aí ele foi.”

De cima, vem um tímido *bap-bap* dos insetos se chocando contra a luz. Joy puxa a camiseta com a ponta dos dedos para tirá-la das dobras da barriga.

“Ele levou alguma coisa com ele?”, Clyde pergunta.

“Não.”

“Estava calçado?”

“Acho que não.”

“Eu vi os meninos quando estava voltando pra casa”, diz Clyde. “Eles estavam jogando futebol na rua, perto do posto de gasolina. Eles perguntaram se o Peter queria ir lá jogar, mas não mencionaram ter visto Paul nem nada do tipo.”

“Ligue para os vizinhos”, diz Joy. “Ligue e pergunte se eles o viram.”

Eles ouviram as notícias internacionais e depois as cotações do mercado financeiro. Quando o homem do tempo entrou, Clyde ficou de pé — ninguém dá a mínima para o homem do tempo durante a estação seca: todas as noites ele gasta cerca de dez minutos apenas para dizer que amanhã será quente e que não vai chover. Peter e Joy seguem Clyde até a sala de estar e o observam enquanto ele disca os números para falar com os Chin Lee, na casa ao lado.

“Alô, boa noite!”, diz Clyde quando o sr. Chin Lee atende. Ele adota um tom jovial, pede desculpas por ligar tão tarde. “Só

estou ligando para saber se a água voltou. Você tentou a torneira da caixa-d'água?"

Ele olha primeiro nos olhos de Joy, e depois nos de Peter, enquanto escuta. O sr. Chin Lee tinha água em seu tanque; ele oferece um pouco a Clyde. "Não, não", diz Clyde. "Joy guardou água hoje de manhã quando a pressão estava boa. Mas, se ficarmos sem, eu mando o Peter aí com um balde." Quando eles estavam se despedindo, ele diz: "Ah, a propósito, Paul não está aí, por acaso?".

Mas o sr. Chin Lee não o tinha visto. Clyde diz para ele não se preocupar, que Paul provavelmente deveria estar em algum outro lugar da vizinhança e perdeu a hora.

Ele fala com o próximo vizinho da Trilha, e depois com o seguinte, mais distante, lá no fim. Joy lhe traz uma lista telefônica, e ele começa a ligar para as pessoas que moram nos novos bairros, muito embora não consiga se lembrar de ninguém de quem Paul seja amigo por lá. Ninguém o viu. Ele desliga o telefone e os três se olham, em silêncio.

"Quer que eu vá procurar?", pergunta Peter.

"Você sabe pra onde ele vai?"

"Na verdade, não. Ele costumava ir sempre lá perto do rio, mas não sei se ainda vai lá."

"Você não sabe?"

"Não."

"E quem poderia saber? Ele tem algum amigo que mora aqui perto?"

Peter balança a cabeça lentamente.

"Fala, então", diz Joy. "Talvez eles saibam de alguma coisa. Quem é?"

"Bom, eu não sei direito", diz Peter.

"Diz mesmo assim."

"Talvez o Sando."

"Sando?", diz Clyde. O nome verdadeiro do cara é uma outra coisa, algo muito banal, mas todo mundo usa esses apelidos idiotas hoje em dia.

"Eu disse que não sei."

“Mas você deve ter algum motivo pra ter pensado nele. Você está falando daquele sujeito com os dreadlocks? Que está sempre de óculos escuros?”

Peter assente com a cabeça.

“E por que você acha que ele saberia do Paul?”

“Eu não disse que ele saberia coisa nenhuma.”

“Tá, mas então o quê? Que ligação eles têm?”

“Eu sei lá. É que, tipo, no maxi táxi, de manhã, o Sando se comporta como se eles fossem amigos ou coisa assim.”

“É mesmo?”, diz Clyde. Então esse cara acha mesmo que eles são amigos? É com esse tipo de gente que Paul está se envolvendo? O cara tem mais de trinta anos e passa o dia inteiro nos ensaios das bandas, dando em cima das mulheres e fumando maconha.

“Acho que o Paul não está fazendo nada”, Peter diz rapidamente. “Ele não está usando drogas nem nada disso, se é o que você está pensando.”

“Bom”, diz Clyde. Ele já está pensando em trazer Paul de volta arrastado pela orelha. “Quando ele voltar, vou descobrir.” E quanto a esse tal de Sando? Ele teria uma conversinha com aquele imprestável e perguntaria: Que lance é esse que você tem com o meu filho? Que lance é esse que você tem com um menino de treze anos?

“Acho que vocês dois deveriam atravessar a estrada e procurar no mato”, diz Joy. “Deixa o Peter te mostrar aonde ir. E ele pode chamar o Paul. Se estiver escondido, é mais provável que saia de lá se ouvir a voz do Peter.”

Clyde fica tamborilando os dedos, pensando. Por que ele deveria arrastar Peter para o mato no meio da noite só para agradar ao Paul? Já é ruim o suficiente que uma pessoa tenha que sair à sua procura, imagina duas! E depois do assalto e tudo o mais, ele não quer deixar Joy sozinha ali. “Não. Eu vou sozinho”, diz Clyde. “Peter, você fica com a Mamãe.”

Peter providencia uma lanterna, e Clyde veste calças compridas e sapatos. Bermudas e chinelos não são bons para entrar naquele mato do outro lado da estrada. Antes, quando

Clyde era pequeno, ele costumava entrar lá descalço: durante o dia você consegue facilmente encontrar seu caminho, desviando dos formigueiros, das pedras pontiagudas, dos espinhos e de tudo o mais. Mas já faz muito tempo desde a última vez que esteve lá e, além do mais, quem é que sabe o que pode estar à solta por lá, agora à noite? Cobras, sapos, cutias e todas as criaturas da noite, ou espíritos, ou seja lá o que eles são. La Diabliesse e Papa Bois e todos os outros. Não que ele acredite nessa baboseira de verdade. Mas, mesmo assim, o acordo, até onde ele sabe, é que os humanos fiquem num dos mundos e os espíritos em outro: só de pensar em entrar naquele mato escuro agora, Clyde se sente um invasor. Mas, como de costume, não há nenhuma outra coisa a fazer. Amarrando os cadarços em seu quarto, Clyde pensa: Esta é a última vez. A última vez que ele faz malabarismos por aquele menino. Na próxima semana, depois que a poeira baixar, Clyde pensa, vai se sentar com ele e dizer, sem rodeios: Chega. E duas semanas atrás, que Paul quase matou Joy? Chega dessa loucura. Ele vai pedir desculpas pelo que disse sobre St. Ann's. Ele não estava falando sério. Vai dizer: Eu sempre disse que nós preferimos cuidar de você aqui em casa a te mandar para aquele lugar em que só deus sabe o que poderia te acontecer. Mas agora já chega. Você precisa parar com essa loucura.

De volta à varanda, ele liga a lanterna, aponta a luz para o trecho da estrada que se estende do outro lado do portão: a grama alta tem um tom estranho de verde sob a luz da lanterna, uma cor que não existe sob a luz do dia.

“Você vai levar a Trixie?”, Peter pergunta, na varanda.

“Não, não. Melhor ela ficar aqui com vocês”, diz Clyde. “Tranca depois que eu sair. E se acontecer qualquer coisa, liga pro Romesh.”

Clyde começa a descer os degraus, a luz fraca de sua lanterna flutuando na escuridão, Brownie e Jab-Jab caminham à sua frente. Às suas costas, ele escuta Peter fechando a porta e colocando o trinco. Trixie ainda está parada, sentada perto do portão. Ela gira a cabeça: seus olhos refletem a luz da lanterna,

dois discos fantasmagóricos no escuro.

Clyde atravessa a estrada e passa por cima da vala, abrindo caminho na grama alta com as mãos. Muito tempo atrás havia uma trilha aqui: ela começava no limoeiro e ia de árvore em árvore, de modo que as crianças costumavam tentar andar apenas sobre as raízes, sem encostar os pés no chão. Mas, assim que entra no mato, ele se sente perdido: nada está onde ele se lembrava. As folhas compridas da grama exibem um verde prateado à luz da lanterna. Largas como facas de trinchar, elas estão cobertas de pelinhos que se prendem à sua camiseta, de modo que ele precisa parar para se livrar delas a cada passo que dá. Depois de apenas quatro ou cinco metros, ele já quer dar meia-volta e enfrentar o caminho de volta até a estrada, mas se obriga a seguir em frente. Ele tropeça em raízes de árvores, pedras e conchas vazias de caramujos, cor de osso, do tamanho do punho de uma criança. Os tufos da vegetação fazem cócegas em seus cotovelos, espinhos afiados no chão desamarram seus cadarços. Ele aponta a luz da lanterna para o chão, procurando por qualquer sinal de Paul, mas não vê nada — apenas besouros e pequenos lagartos correndo, e as folhas da dorme-dorme se fechando firmemente ao seu toque, como as velhas fecham suas persianas quando veem um louco passando pela rua.

Isto não é lugar para Paul estar à noite. Mesmo muito tempo atrás, antes de as coisas ficarem como estão agora em Trinidad, os adultos diziam às crianças para tomarem cuidado quando viessem até aqui. Detentos que fugiam da Golden Grove Prison usavam aquele matagal como esconderijo: Clyde e seus amigos tinham encontrado duas vezes os macacões laranja, descartados como se fossem pele de cobra, escondidos debaixo de pilhas de folhas ou meio enterrados no chão. Batistas espirituais às vezes passavam por aqui com suas longas túnicas brancas, badalando

sinos à luz de velas, ou com um frango numa mão e um facão na outra. E teve aquela outra vez, da qual Clyde ainda se lembrava vividamente, quando ele tinha cerca de oito anos e uma mulher louca saiu nua de dentro daquele mato. Seu pai estava no quintal da frente e Clyde na varanda, e aquela mulher nua apenas abriu caminho pelo meio do mato, parecendo uma louca com aquele cabelo todo emaranhado e o corpo todo esfolado. Seu pai disse a ela alguma coisa que Clyde não conseguiu ouvir — talvez lhe tenha perguntado o que havia acontecido, ou se oferecido para ligar para a polícia. Mas a mulher simplesmente ficou ali, completamente nua, sacudindo a cabeça como se tivesse formigas em seus cabelos. “Apaga meu fogo!”, ela disse. Isso foi tudo que ela disse: *Apaga meu fogo! Apaga meu fogo!* E depois de algum tempo, deu uma guinada para o lado e saiu andando pela estrada bem depressa.

Ele já devia ter saído da trilha, se houvesse uma: para todas as direções em que olha, há apenas mato, bem mais alto que sua cabeça. Ele procura por alguma referência para se orientar — aquele coqueiro tombado; aquele galho sob o qual tinha que se abaixar para passar, coberto de líquen e bromélias —, mas não sabe para onde está indo. Daqui a pouco, ele pensa, também estará perdido, e alguém terá de entrar aqui para resgatá-lo. Luta com uma trepadeira comprida que se enroscou nele; tenta arrancá-la do seu corpo, mas, quando dá um puxão, a ponta que estava presa lá em cima, em algum lugar entre as árvores, se solta e faz despencar uma chuva de ramos e folhas mortas e, alguns instantes depois, um galho apodrecido com um ninho de cupins ainda preso nele. Clyde corre, derruba a lanterna, fica esfregando o rosto, os braços e o cabelo loucamente para se livrar dos insetos. Quando recupera o fôlego, procura pela lanterna e lança sua luz ao redor. No chão foi desenhado um círculo, com flores que parecem estrelas amarelas nas bordas. Ele consegue divisar um toco de vela, penas de galinha e gravetos posicionados formando os dois e três típicos do *obeah*.<sup>[1]</sup> Afasta-se rapidamente da clareira, ouvindo o estalo delicado das folhas grandes se partindo.

“Paul!”, grita. “Paul! Onde você está?”

Ele agita a lanterna furiosamente ao seu redor, esperando que o rosto de Paul apareça naquela luz estranha, que ele veja o menino descendo de uma árvore, ou saindo de seja lá qual for seu esconderijo, que surja tomado pelo remorso, arrependido de ter feito toda aquela palhaçada. Ele joga a luz nas árvores, subitamente desconfiado. Não tem nenhum espírito aqui, ele diz a si mesmo, isso é tudo bobagem, superstição. Diz aquilo mais uma vez, em voz alta. “Não tem nenhum espírito aqui!” Ele lança sua luz em todas as árvores à sua volta antes de continuar caminhando.

Ele chega até o barranco que termina no rio. Agora, na estação seca, a água bate no máximo nos tornozelos, e ele provavelmente poderia saltar de uma margem à outra se quisesse. Nas duas margens, o bambu cresceu e tomou conta de tudo; seus caules compridos, inclinados sobre a água, criam um padrão todo trançado, como o telhado de uma cabana. Ele consegue encontrar o caminho até a pedra grande, aquela onde as crianças costumam se sentar, e sente-se bem ao avistar algo familiar.

“Olá?”, ele diz. “Paul? Onde você está?” Ele fica bem parado, escutando. “Paul?”, ele chama mais uma vez. “Você está escondido? Saia daí, por favor. Mamãe está morta de preocupação com você. Você não pode sair andando pelo mato assim, no meio da noite. Não é seguro.”

Ele olha para cima, para os galhos mais altos, imaginando o rosto selvagem do filho, meio escondido atrás do cabelo comprido, o cabelo que o menino se recusa a cortar. Chamam ele de Tarzan por causa do cabelo; Clyde não tem muita certeza se aquilo é um apelido de fato — Paul “Tarzan” Deyalsingh — ou apenas uma maneira como o chamam pelas costas.

“Eu não estou bravo”, ele diz, tentando fazer com que suas palavras soem convincentes. “Você pode sair. Não estou bravo. Não vou te mandar para St. Ann’s, eu só estava brincando. Nós podemos falar sobre aquela festa, se você quiser.”

Ele pensa em dizer “Me desculpa”, mas depois muda de

ideia. Por que deveria pedir desculpas? Era Paul quem estava errado, pra começo de conversa: ele não devia ter provocado os bandidos. Nem mesmo Joy tentou defendê-lo dessa vez.

Foi Joy quem contou a ele o que havia acontecido. Era tarde da noite quando ela contou, a noite do assalto, talvez duas ou três da manhã, depois que eles haviam se despedido de todos os vizinhos que vieram para ajudar, e ele e Joy tinham ido para a cama. Ela se deitou de lado para olhar para ele, e sussurrou tudo o que tinha acontecido: como os bandidos sabiam sobre o dinheiro; que era o que eles estavam procurando. “E o que você disse a eles? Você disse alguma coisa a eles?”, Clyde perguntou. “Não, é claro que não. Eu disse a eles que não tinha dinheiro nenhum”, ela respondeu. Então Joy contou a Clyde tudo que Paul havia feito: que ele se recusou a se deitar no chão quando o bandido mandou; que xingou o bandido e avançou contra o homem, como se quisesse bater nele; que o homem apontou a arma para ele. Naquele momento, disse Joy, ela viu tudo preto; não conseguia explicar, mas era como se o mundo tivesse ficado todo preto para ela, tudo assombrado por algum tipo de escuridão. Ela não conseguia lembrar o que havia dito, apenas que tinha tentado agir normalmente. Levantou-se do chão; postou-se na frente de Paul e o empurrou para trás. Então, o homem encostou a arma em sua cabeça, bem no meio da testa, fazendo com que ela se inclinasse para trás. Ela ficou em silêncio quando disse aquilo e, depois de um instante, procurou pela mão de Clyde e a apertou com força. Eles ficaram deitados daquele jeito por algum tempo, olhando para o teto, lado a lado, no escuro.

Os sapos começam a coaxar mais uma vez. Não parece haver aqui nenhum outro ser humano agora. Talvez Paul tenha estado aqui e foi embora sorrateiramente, sem que Clyde percebesse; talvez nunca tenha vindo. Clyde chupa os dentes da frente. Esse menino está fazendo um carnaval: ele vai voltar andando pra casa amanhã, satisfeito por ter armado toda essa confusão — e, enquanto isso, Clyde está aqui, na escuridão total, procurando por ele! Ele parte na direção da ponte, deslizando um graveto no

chão à sua frente, para a direita e para a esquerda, como se estivesse abrindo caminho. Ele está perdendo seu tempo. Irá até a casa de Romesh e pedirá para pegarem seu carro para, juntos, dirigirem por aí e procurarem. Romesh devia ter ligado de volta e se oferecido para ir com ele; agora, Clyde terá de ir até a casa de Romesh e chamar por ele no portão, como um mendigo, para pedir sua ajuda.

Ao chegar na ponte, ele sobe até a estrada. Os postes de luz não funcionam há anos — alguns têm uma cobertura tão densa de trepadeiras que ele não consegue discernir postes de luz dos postes para linhas telefônicas —, mas ele conhece muito bem aquela estrada: mato dos dois lados e sem asfalto, apenas uma vala no acostamento, dentro da qual os carros estão sempre caindo. Ele ergue a lanterna e lança sua luz no mato enquanto vai seguindo pela estrada.

Cerca de um quilômetro à frente, na estrada, um carro está parado no campinho, portas abertas, faróis acesos, o rádio tocando música. Três ou quatro homens estão esparramados na grama em meio a tacos e *wickets* de críquete, garrafas de cerveja e refrigerante. Ele reconhece a música — a daquela mulher, aquela negra americana com a cabeça cheia de cabelo, Tina Turner; um dos homens canta junto com ela, retorcendo a cara do mesmo jeito que a mulher faz no clipe da música. Clyde ergue a mão para cumprimentá-los quando passa por eles. Ele costumava jogar críquete à noite com aqueles homens, porém, invariavelmente, assim que o críquete terminava, começava o jogo de cartas, em seguida as garrafas de rum, e depois os maços de dinheiro. Ele não atravessa pelo campinho, permanece na estrada, olhando fixamente para a frente, num passo constante, até chegar na Bougainvillea Avenue.

Todas as ruas nos novos bairros têm nomes como esse: Ixora Crescent, Hibiscus Drive, Bougainvillea Avenue. Quando Romesh e sua família se mudaram para cá, ele tentou convencer Clyde a comprar uma daquelas casas, e Rachel, a esposa de Romesh, ficava mostrando para Joy os três banheiros, a lavanderia com espaço para uma máquina de lavar e uma de

secar, e o piso liso azulejado, que Joy disse que seria muito fácil de varrer e lavar. Mas Clyde não conseguia entender do que eles estavam se gabando, quando todo mundo sabia que tinha sido o pai de Rachel quem havia comprado aquela casa para eles.

Na Bougainvillea Avenue, a vira-lata velha da primeira casa já estava no portão. Ela aponta o queixo para o céu e emite um som agudo e repetitivo: *ru-ru-ru-ru*. Imediatamente, os outros cães começam a latir e correm para os seus portões; em todas as casas da rua, holofotes repentinamente revelam o gramado de seus quintais, as rampas de cimento das garagens, os portões enormes, todos com cães do outro lado. A vira-lata continua com as orelhas em pé enquanto ele passa por ela, os olhos anuviados tentando encontrá-lo. “Sou só eu”, ele diz. Suas orelhas desabam, ela balança o rabo.

Os cães na casa ao lado são de raça — uma dessas raças frescas com o pelo alaranjado e rabo que se enrosca por cima das costas. Eles latem para Clyde, depois um para o outro, em seguida para os outros cães da rua, depois um para o outro mais uma vez. Na varanda, acima da garagem onde os carros estão estacionados, as luzes estão acesas, e pessoas estão sentadas, conversando. Ele não consegue ver direito por entre as grades que protegem a varanda e as trepadeiras repletas de flores que eles cultivam em meio às barras de ferro, mas parece que a família toda provavelmente está lá: a mãe e o pai, três crianças crescidas e o filho mais velho do marido, que é piloto da BWIA. A família toda tem direito a voar de graça na BWIA por causa do piloto: no Natal, eles foram ao Canadá; no verão anterior, à Suíça. O carro do piloto está estacionado na rampa da garagem. Clyde vê as pessoas se levantando e olhando para a rua: ele ergue uma das mãos e faz um cumprimento.

Na casa de Romesh e Rachel, os pastores-alemães enfiam o focinho por entre as barras da grade, latindo e mordendo. “Sou eu, seus bobos”, ele diz aos cães. “Vocês acham que vim aqui para assaltar a casa ou algo assim?” As pupilas se dilatam, os olhos fixos nele. Clyde estica o braço para segurar uma das barras, bem alto, onde os cães não conseguem lhe morder a mão,

e balança o portão.

Ele espera, as mãos na cintura, em meio a todo aquele barulho e aquelas luzes de segurança, e aquelas pessoas espiando de suas janelas para ver que comoção é aquela. Tanto o carro de Romesh quanto o de Rachel estão estacionados na garagem; acima dela, a varanda está escura, e a porta da casa fechada, mas Clyde vê uma luz na sala de estar e escuta a voz de Jr Ewing na TV lá dentro. Na casa ao lado, com aqueles cachorros idiotas cor de laranja, a mãe da família se inclina sobre a mureta da varanda.

“Quem está aí?”, ela pergunta.

“Boa noite”, ele responde. “Sou só eu. Estou esperando pelo Romesh.”

Ela se vira e repete aquilo para os outros, e depois grita para ele, lá embaixo: “Está tudo bem?”.

“Sim, sim, obrigado”, ele responde.

“Onde está seu carro?”, ela pergunta. Ela precisa repetir aquilo diversas vezes até Clyde entender a pergunta. Alguns outros membros da família do piloto juntam-se a ela na mureta — o pai da casa, uma garotinha de camisola, um filho adolescente. Uma mulher com brincos reluzentes que balançam e o cabelo preso num rabo de cavalo se levanta e leva uma pilha de pratos para dentro de casa. Clyde sabe o que a mãe quer perguntar: se está tudo bem desde o assalto. Ele faz um sinal com o polegar para eles. Não há motivos para lhes perguntar sobre Paul: ninguém ali tem nada a ver com ele. Vê o piloto se levantar — ele reconhece o porte físico do homem, alto e com os ombros caídos. O piloto leva uma garrafa de Coca-Cola até os lábios e inclina a cabeça para trás, bebe; fica segurando a garrafa contra a luz para examinar o fundo.

Finalmente Romesh vem até a porta de sua varanda e olha para fora. Clyde acena. Romesh volta para dentro e depois sai de novo com uma chave, destranca a porta de segurança e desce os degraus. Ele ainda está vestindo suas roupas do trabalho: calças compridas e a camiseta com o logotipo da empresa do pai de Rachel, as mangas cuidadosamente dobradas até o fim para que a camiseta mais se pareça com um colete, exibindo seus músculos

minúsculos. Romesh não é muito alto, mas é bastante flexível: um desses *coolies*<sup>[2]</sup> baixinhos capazes de botar um saco de farinha ou arroz em cima do ombro e sair andando pela estrada debaixo do sol quente. Ele se move com um tipo de arrogância que as mulheres costumam achar sexy, e usa no pescoço um pingente do coelhinho da Playboy pendurado numa corrente de ouro, com um pequeno diamante no lugar do olho do coelho. Romesh gira o chaveiro no indicador enquanto se aproxima da entrada. Os cães seguem andando de um lado a outro na frente do portão, latindo para Clyde de uma ponta à outra, como se estivessem esperando que uma fresta se abrisse.

“Por que você demorou tanto?”, diz Clyde. Ele precisa gritar para ser ouvido.

“Eu já estava quase me deitando”, disse Romesh.

“Quê?”

“Eu já estava quase me deitando!”, diz Romesh. “Preciso levantar cedo, você sabe!”

“Prenda esses cães”, diz Clyde.

“Quê?”

“Prenda esses cães!”, Clyde grita. “Eu quero entrar e falar com você.” Ele precisa repetir aquilo diversas vezes, mas, por fim, Romesh prende os cães numa corrente e volta para destrancar o portão.

Clyde segue Romesh de graus acima e atravessa a varanda escura para entrar na casa. Ele esperava cumprimentar outras pessoas — Rachel, ou algum outro amigo ou vizinho ou parente —, mas não há ninguém ali. As cadeiras estão encaixadas sob a mesa de jantar, a toalha de plástico está limpa, os condimentos lindamente organizados em cima de uma esteirinha no centro dela. Do outro lado da sala — a sala tem, pelo menos, uns dez metros de comprimento, e a maior parte é só um espaço vazio — a TV está ligada, os créditos de *Dallas* estão subindo; ao seu lado, o ventilador gira sua cabeça lentamente de um lado para outro.

“Você sempre deixa o volume tão alto desse jeito?”, Clyde pergunta.

Romesh baixa o volume, depois se senta num dos sofás —

eles têm três sofás, duas poltronas e um pufe, todos em veludo cotelê marrom. Seus olhos seguem fixos na TV.

“Rachel e Sayeed estão em casa?”, ele pergunta.

“Sim, sim”, diz Romesh. Ele gesticula com uma das mãos na direção dos quartos. “Estão dormindo. Cara, está tarde. Eu vou desligar esse troço e me deitar. JR é um mentiroso, você não acha? Você assistiu?”

“Não, eu não assisti.”

“Você não assistiu? Ah, meu Deus, eu esqueço que eles levaram a TV. Desculpa. Se você tivesse me lembrado, eu teria gravado pra você. Quer que eu grave o da semana que vem?”

“Bom... tudo bem”, diz Clyde. “Por que não? Eu não me importo de perder, mas Joy gosta do programa.”

“Vou gravar pra vocês. Você devia ter me dito.” Ele abre a estante sobre a qual está a TV, tira uma fita VHS e examina o que está escrito na etiqueta. “Eu posso gravar por cima disso”, ele diz.

“Escuta”, diz Clyde. “Paul não voltou pra casa. Você poderia pegar o carro e vir comigo? Eu queria dar uma olhada na pedreira.”

“Ele ainda não voltou? Mas está ficando muito tarde!”

“Exatamente. Joy está morta de preocupação.”

Romesh deixa a fita VHS sobre a estante, ao lado da TV, e depois fecha suas portas. A TV exhibe um comercial da colônia Trouble. “Cara, eu vou desligar esta coisa”, diz Romesh. “Eu vou pra cama.” Ele gira o botão e a imagem na tela encolhe até virar um pontinho, e então desaparece.

“Espera, eu quero que você venha comigo”, diz Clyde. “Não quero ir no meu carro pra não parecer que não estou em casa.”

“Você quer ir no meu carro? Quer as chaves?” Romesh se levanta, fica parado na frente do ventilador. “Meu bom Deus”, ele diz, “está quente pra burro, hein? Mal posso esperar pela estação das chuvas.” Ele encosta o peito na grade do ventilador, ergue os braços. Sua camiseta se estufa na parte de trás com o vento. “Aah”, ele diz. “Que fresquinho.”

“Você não pode vir comigo? Vai ser por apenas uma meia

*image  
not  
available*

metido em nada errado.” Ele passa os dedos pela costura do veludo, enfia as unhas por entre os sulcos. “Escuta”, ele diz. “Eu quero te perguntar uma coisa. Quem é o responsável pelo seu sistema de segurança?” Ele cita o nome de um homem em Arima que vem tentando vender um sistema de segurança para ele desde o assalto. “Ele diz que vai me dar um bom desconto. Mas não sei quem ele é! A pessoa que vai instalar um sistema de segurança na sua casa precisa ter acesso a todos os cômodos, não é? Eles dizem que estão passando cabos, mas, enquanto isso, podem estar prestando atenção em tudo, marcando onde ficam as gavetas, os armários, olhando debaixo dos colchões, de tudo.”

Romesh passa as mãos no cabelo, olha para as palmas, limpa-as na bermuda.

“Algum problema?”, Clyde pergunta.

“Tô achando quente. Você não tá achando quente?”

Clyde dá de ombros. Romesh se levanta e volta para a frente do ventilador. Puxa o botão que faz o ventilador parar de girar e o coloca na velocidade máxima.

“Então, sendo muito sincero”, Clyde prossegue, “eu não quero deixar ninguém assim entrar na minha casa, para ficar bisbilhotando. E outra coisa, quando você contrata um serviço desses, precisa pagar todo mês. Todo mês você precisa se encontrar com essas pessoas e dar dinheiro a elas, e toda vez que isso acontece elas vão te fazer um monte de perguntas. O que você acha? Quem instalou esse sistema de segurança pra vocês?”

“Não lembro. Amanhã eu vejo pra você.”

“Você não lembra?”

“É a Rachel quem cuida disso. Foi um conhecido da família dela que fez isso pra gente.”

“Ah, então vocês não pagam?”

“Não.”

“Ah.”

“Vamos, eu quero fechar toda a casa agora”, diz Romesh. “Quero tomar um banho e ir pra cama.”

Clyde apaga o cigarro e se levanta. “Eu te ligo de manhã”, diz. Ele volta pela sala de estar, pela varanda, com Romesh

*image  
not  
available*

“Você precisa instalar esse sistema de segurança”, diz o engenheiro. “Instala esse negócio, tô te falando. Não perde tempo.”

“Um sistema de segurança não teria ajudado em nada”, diz o bibliotecário. Ele cita a história que anda circulando, sobre o magnata do ramo imobiliário de Port of Spain que teve a esposa sequestrada. “Os sistemas de segurança dele não ajudaram em nada”, ele diz. “Ele tinha uma cerca de cinco metros de altura por toda a casa e guardas contratados patrulhando o terreno noite e dia. E, mesmo assim, eles deram um jeito de levar sua esposa.”

“Bom, ninguém vai encostar na sua família agora”, diz Clyde. O magnata do ramo imobiliário aparentemente pagou o resgate para ter a esposa de volta e, duas semanas depois, pelo que diziam os boatos, contratou pistoleiros para acabar com os sequestradores. Seis assassinatos em seis lugares diferentes em Trinidad, todos ocorridos dentro de poucas horas.

“Os pistoleiros eram colombianos”, diz o bibliotecário. “Profissionais.”

“Ouvi dizer que eram jamaicanos”, diz Clyde.

“Não. Eram venezuelanos”, diz o engenheiro. Ele tinha ouvido aquilo de alguém ligado à família do empresário, alguém que sabia do que estava falando. “Eles chegaram num barquinho por volta do meio-dia, se encontraram com os nativos que seriam seus motoristas, saíram por aí no *pá-pá-pá!*” — ele faz um gesto de arma com a mão — “e ali pelas seis da tarde já estavam voltando.”

Um silêncio cai sobre eles. Clyde de repente fica nervoso, olha por cima do ombro. Ele se despede dos homens, rumo de volta para casa; ele não quer mais ficar na rua, com Peter e Joy sozinhos. E se esse desaparecimento de Paul fosse algum tipo de esquema para tirar Clyde de casa, sabe-se lá com que propósito? Ele reprime o pensamento assim que lhe ocorre: o que quer que Paul esteja aprontando, certamente ele não seria perverso a ponto de fazer uma coisa dessas.

Mas a verdade, ele pensa, enquanto caminha pelo

*image  
not  
available*

a água em um número um.”

“Eu queria que a gente tomasse uma decisão sobre essa caixa-d’água”, diz Joy, alguns minutos depois de Peter voltar para cama. “Nós temos que decidir o que vamos fazer. Se vamos ficar aqui, então temos que comprar essa caixa-d’água e instalar, dar um jeito na casa. Se vamos pra Port of Spain, então vamos logo, vamos fazer as malas de uma vez e vamos, não importa quanto custe, vamos pagar.”

Clyde fecha os olhos, pressiona a têmpora com o dedão. “Sabe, foi por isso que eu disse pra você ir se deitar”, ele diz a ela. “Porque eu sabia que você começaria com isso. É caixa-d’água, é máquina de lavar, é cortina, é móvel, é estante...”

“Eles precisam de uma estante pra colocar os livros deles. Eles não podem ficar pegando sujeira no chão. Você acha que é assim que eles deveriam tratar os livros?”

“Eles não ficam no chão. Ficam dentro das mochilas deles.”

“Eles precisam de uma estante, Clyde, ou, pelo menos, alguma coisa pra enfileirar os livros direito, pra deixar tudo organizado. Daqui a dois anos eles já começam a fazer os exames do ensino médio! Isso é um assunto muito sério, Clyde!”

“Eu sei disso. Você acha que eu não sei?”

“Bom, é por isso que eu estou falando. Você está sempre economizando e poupando e pensando no futuro, mas e o agora?” Ela cruza os braços, olha pela janela. “E o Romesh tá sempre dizendo que tem uma fila de gente interessada em comprar esta casa de você. Tá cheio de gente querendo comprar a casa pra construir neste terreno! Por que não vendemos a casa e usamos o dinheiro para alugar outra em Port of Spain? Pra mim, isso é o que mais faz sentido. Daí os meninos não precisariam andar tanto pra chegar na escola. Essa história de sair andando às quatro da manhã. Não faz bem para uma criança viver desse jeito. Elas ficam exaustas. O Peter tá com cara de quem tá exausto. Umas olheiras enormes debaixo dos olhos.” Ela encosta o dedo na pele debaixo dos próprios olhos. “Isso é exaustão. Tô te falando. Nós temos que nos mudar.”

“Você acha que agora é hora de falar sobre isso?”

*image  
not  
available*

lugares encostado na parede, a poltrona de Clyde, o ventilador ao seu lado, o armarinho que fica debaixo da janela. No meio da sala fica a mesa de centro, um caixote de madeira empoeirado e lascado, com o desenho de vacas entalhadas na borda, uma peça da qual ele gostaria de se livrar, porém Joy quer mantê-la porque, em algum momento, pertenceu a alguém de sua família. Atrás dele, na outra metade da sala, ficam a mesa de jantar de mogno e as cadeiras com estofamento de veludo que ele comprou na Courts há alguns anos. Dois meses do seu salário, foi o que aquela mesa lhe custou — se eles se mudassem para Port of Spain, o que aconteceria àquela mesa? Seria colocada na caminhonete de alguém, apanharia chuva, ou alguém a derrubaria, e uma de suas pernas se quebraria. Não há nenhum motivo para se comprar coisas caras, pensa Clyde, a não ser que você more em algum lugar estável, em algum lugar onde possa dizer: esta é a minha casa, é aqui que eu moro, é aqui que sempre vou morar.

De algum lugar da vizinhança emana a batida grave do calipso. Clyde imagina os homens no campinho, agora com um rádio portátil e algumas mulheres junto a eles, o álcool circulando. Ainda faltava um tempo até o Carnaval, mas as festas já haviam começado; mais e mais cedo a cada ano. Clyde disse não, a princípio, quando Peter e Paul pediram para ir à festa em Port of Spain, mas depois Joy o convenceu, dizendo para soltar um pouco mais os meninos, deixá-los sair com os amigos da escola. “Amigos da escola”, disse Clyde, “e meninas!” E Joy disse, sim, é claro. Os meninos são adolescentes, ela disse, é claro que eles querem sair com as meninas. Clyde concordou com a festa e criou uma musiquinha e uma dancinha que diziam para eles se comportarem, e disse: ai de vocês se eu ficar sabendo de qualquer atitude irresponsável; mas, secretamente, ele estava feliz por Peter querer sair. Clyde se perguntava com frequência se fazia bem para a saúde do menino ficar dentro de casa o tempo todo, estudando e estudando do jeito que Peter estuda. Às vezes, tarde da noite, Clyde avista uma faixa de luz no rodapé da porta do quarto dos meninos — à meia-noite, uma da

*image  
not  
available*

despertar sorrateiramente pela janela. As colinas nos fundos da casa não passavam de sombras escuras havia poucos instantes; agora ele consegue distinguir seus contornos contra o céu muito azul, ainda salpicado de estrelas.

Uma porta se abre: Peter, o cabelo amassado, os olhos inchados.

“O Paul chegou?”

Clyde balança a cabeça.

“Que horas são?”

“Não sei. Devem ser umas quatro e meia, quinze pras cinco.”

Clyde consegue ver, sob a camiseta de Peter, o quanto os músculos em seu peito e em seus ombros se desenvolveram, como seu pomo de adão desliza para cima e para baixo sob a pele quando ele boceja. Hoje em dia, com treze anos, o cara já é um homem — um homem jovem, mas, mesmo assim, um homem.

“Você acha que ele voltaria tão tarde de uma boate?”, Clyde pergunta.

“Ele não iria à boate”, disse Peter. “Ele não está na boate.”

“Bom, então onde ele está?”

Peter limpa com a mão um pouco de saliva seca no canto da boca. “Não sei.” Ele e Clyde ficam olhando um para o outro. “Eu não sei”, Peter diz mais uma vez, balançando a cabeça.

Joy está se levantando — eles ouvem as molas do colchão, em seguida seus passos e, depois, ela abre a porta do quarto.

“O Paul tá aí?”, ela pergunta. “Ele chegou?”

Os dois balançam a cabeça. Ela fica ali parada por um momento, na sua camisola fininha, coçando uma picada de mosquito no braço. “Ele não chegou em casa?”

Clyde balança a cabeça. “A água voltou”, ele diz.

Ela vai ao banheiro, murmurando consigo mesma.

Clyde diz para Peter se arrumar para a escola, em seguida tira a chave do gancho, destranca a porta dos fundos e fica parado na soleira da porta, assistindo ao sol nascer por trás da colina. Abaixo de uma linha cintilante de luz, a colina repousa, ainda está tomando forma, um verde-acinzentado, um verde-prateado, um verde-dourado. Os cães arfam e se esfregam em suas pernas.

*image  
not  
available*

sombra, repara como os meninos, que param nos vendedores a caminho da escola, ficam olhando para as meninas; como as meninas levantam as saias acima dos joelhos, ficam jogando o cabelo pra lá e pra cá. Uma freira passa por eles e diz alguma coisa, e então todos começam a enfiar as camisas para dentro das calças e entregar seus dólares para o vendedor para pagarem seus refrigerantes. Clyde está assistindo àquilo tudo e percebendo como os meninos de St. Saviour parecem diferentes, mais inteligentes, mais bem-comportados que os outros, quando a porta do corredor se abre e alguém sai por ela.

“Deyalsingh?”

Ele se levanta, espanando a sujeira das calças. “Aqui.”

“O primeiro bebê nasceu. É um menino!”

“Um menino!”, ele diz. As pessoas que o escutam nos degraus próximos começam a comemorar, batendo palmas atrás de Clyde.

“É o seu primeiro filho?”, alguém pergunta.

“Meu primeiro”, diz Clyde.

“Ele precisa de um trago”, um homem diz, um gordinho usando uma camiseta vermelha. Ele dá um tapa no ombro de um homem mais novo. “Vai ali nos vendedores e vê se arruma uma Carib gelada pra ele. O cara passou a noite inteira esperando aqui.”

“Olá”, diz o médico. “Olá, eu estou falando.”

“Desculpa”, diz Clyde. “Estou escutando. Vocês aí, silêncio. Deixem o doutor falar.”

“Estamos tendo alguns problemas com o segundo. Mas Joy está bem.”

“Que bom, que ótimo.”

“Nós vamos tirá-lo de lá, não se preocupe. E depois vamos ver.”

“Tá bom, doutor. Pode ir lá. Eu espero aqui.”

Clyde sobe os degraus. No corredor, do lado de fora da enfermaria, tem uma mulher mais velha com uma cesta e uma garota grávida vestindo uma roupa de hospital cor-de-rosa bem fininha. Clyde enfia as mãos nos bolsos, passa rente a algumas

*image  
not  
available*

tantas que Clyde não consegue mais lembrar quem é quem — trazendo roupinhas de bebê que elas mostram umas para as outras e depois dão gritinhos. Elas vêm com enormes panelas de ferro e potes de tempero e se instalam na cozinha. Quando Clyde volta do hospital com Joy e os bebês, a casa está impecável e as enormes panelas de ferro estão cheias de comida: arroz, *roti*, curry de frango, curry de camarão, *aloo pies*,<sup>[4]</sup> saladas verdes, torta de macarrão.

Joy precisa de ajuda para sair do carro e subir os degraus; assim que chega na varanda, ela se agarra nas costas de uma cadeira, toda a cor desaparece do seu rosto. “Senta, senta, senta”, dizem as mulheres, todas as mulheres que tomaram conta da casa de Clyde. “Faz ela sentar.” Um prato de comida é trazido a ela. Tio Vishnu e Clyde também comem, os pratos em cima dos joelhos. Quando os bebês começam a chorar, as mulheres preparam mamadeiras com leite; outras andam pra lá e pra cá, fazendo *shh* para os outros. Joy procura um lugar para colocar seu prato. Clyde o tira de suas mãos.

“Não deixa ela levantar, faz ela ficar sentada”, diz alguém. “Traz os bebês pra ela”, diz outra pessoa. “Olha, ela está nervosa. Tragam os bebês para ela.”

O bebê bom ganha sua mamadeira, sossega. O outro se contorce e se revira, seu rosto fica roxo. “Isso é normal?”, Clyde pergunta. “É pra ele ser desse jeito?” O leite escapa da boca do bebê, escorre pelo rosto até as dobras do pescoço. Ele urra, fica roxo novamente. “Isso não parece estar certo”, diz Clyde.

Mousey se vira para o tio Vishnu. “Por que vocês não vão dar uma volta de carro ou algo assim?”, ela diz. “Leve o Clyde para tomar um ar fresco.”

Tio Vishnu, ainda mastigando, larga o prato, apalpa os bolsos atrás das chaves. “Sem problema!”, ele diz. “Hein, Clyde? Vem. Eu e você vamos dar uma volta. Só os homens.”

“Isso. Vocês, homens, fora daqui”, diz Mousey. “Vai ser melhor.”

“Tem algum lugar aonde você queira ir?”, pergunta tio Vishnu, quando eles entram no carro e começam a dar a ré na

*image  
not  
available*

crianças ficam olhando para Clyde e para o carrinho cheio. Clyde estende sua mão para o velho. “Clyde Deyalsingh”, ele diz. “Sobrinho agregado.”

“Escuta”, diz tio Vishnu no carro, a caminho de casa. “Eu estava pensando. Já faz um tempão que a Mousey está morando com vocês. Deixa eu dar um dinheiro para pagar pela comida dela.”

“Se você quiser. Mas ela não come muito”, diz Clyde.

“Eu sei. E ela é muito boa, está sempre trabalhando. Se consegue ficar de pé em cima das pernas, a Mousey trabalha. Cozinha, limpa, vai cuidar das crianças quando Joy precisar descansar.”

“Eu não me importo da Mousey morar conosco, nem um pouco. Ela ajuda Joy na casa. Não me incomoda.”

“Deixa eu te dar algum dinheiro mesmo assim”, diz tio Vishnu. “Eu não quero que fique pesado para você, você me entende.”

“Não está pesado”, diz Clyde. “Até agora estamos nos virando muito bem.”

“Qual é o problema?”, diz tio Vishnu. “Você não quer aceitar o meu dinheiro ou algo assim?” Ele parece confuso.

“Eu não tenho, mesmo, o hábito de pedir dinheiro às pessoas”, diz Clyde, hesitante. “Digo, pegar emprestado e coisas desse tipo.”

“Eu não estou emprestando. Você não precisa me pagar nada de volta. Só quero lhe dar um dinheiro para cobrir as despesas de Mousey.” Eles estão fora da cidade, num longo trecho de estrada, mas tio Vishnu olha para Clyde a cada poucos segundos, esperando que ele responda. “Hein? Qual é o problema?”

“Bom”, diz Clyde. Ele tenta dizer aquilo de um jeito leve. “Quando alguém te dá dinheiro, geralmente tem alguma coisa por trás!”

“Tem razão”, diz tio Vishnu. Ele balança a cabeça diversas vezes, e Clyde sente-se aliviado por ele não ter ficado ofendido. “Você tem razão em pensar duas vezes antes de pedir dinheiro a alguém. Está coberto de razão. Só que eu não sou *alguém!*” Ele

*image  
not  
available*

dos lugares com sombra já está ocupada, mas eles encontram um espaço perto da tenda principal, ao lado dos vendedores de comida quente, e se acomodam para passar o dia ali.

Joy sugere que eles cortem o cabelo de uma vez, antes de mais nada, para que possam riscar isso da lista e todos possam relaxar. Eles encontram o cabeleireiro e colocam os dois meninos na fila à sua frente. Paul sai da fila toda hora e tenta subir no colo de Joy, e ela o pega pelos ombros e o empurra de volta. Lá pelas tantas, Peter segura a mão de Paul para que ele fique parado; as crianças mais velhas o provocam, dizendo que ele parece uma menina, e Peter diz: “Nós somos gêmeos. E ele é retardado, precisa de alguém para segurar sua mão às vezes”.

Em determinado momento, com Paul ainda saindo da fila e tendo que ser levado de volta, outro adulto diz: “Deixa ele ir primeiro, dá pra ver que ele tá ansioso”. Paul é passado na frente de todos, e o cabeleireiro faz a sua dancinha e fica exibindo suas tesouras e seus trajes, e coloca Paul sentado na cadeira para iniciar o corte. Clyde percebe quando tudo começa: como os olhos de Paul se fixam no nada, como suas mãos passam a arranhar as pernas. Joy ainda não percebeu: ela está falando sobre a garrafa de chá ter vazado e a sacola estar toda molhada. Está mexendo nas coisas atrás de um guardanapo quando Paul tapa os ouvidos com os dedos e começa a gritar. O cabeleireiro recua. As crianças na fila correm para suas mães. Joy leva a mão ao peito. Todo mundo que está aqui, Clyde pensa, as centenas de pessoas espalhadas por esta área, deve estar olhando para essa direção. Ele luta contra o impulso de voltar correndo para o carro e ir embora dali, deixando que alguma outra pessoa lide com aquilo. Ele se força a caminhar para a frente.

“Eu nem toquei nele”, diz o cabeleireiro, “ele começou a gritar do nada...”

Clyde coloca a mão no ombro de Paul. “Pare com isso”, ele diz. “Pare.” Aquilo não causa nenhum efeito. Paul ainda grita; ele adotou um ritmo: são ruídos agudos e repetitivos, como o alarme de um relógio, ou uma sirene de polícia.

“Pare com isso. Pare, eu disse.”

*image  
not  
available*

eles têm aquele casarão na Bougainvillea Avenue —, mas Rachel trabalha na loja de vestuário indiano que sua família tem no shopping, e diz que não tem tempo para cozinhar para toda a família de Romesh nos fins de semana. E Joy não gosta de ir até sua casa por causa dos cães. Eles ainda são filhotes, dois pastores-alemães, com suas patinhas peludas e seus dentinhos afiados, mas Romesh bate neles para que cresçam bravos, e Joy diz que, antes que alguém perceba o que está acontecendo, eles vão acabar comendo uma criança. “Não quero meus filhos perto daqueles cães”, ela diz. “Prefiro que eles fiquem aqui, onde posso vigiá-los com meus próprios olhos.” E assim, os gêmeos nunca vão à casa de Romesh e Rachel brincar com o seu filho, Sayeed, e, em vez disso, é Sayeed quem vem até aqui. Muitas vezes Rachel o deixa pela manhã, antes de ir para o trabalho, e só o busca à noite; durante o dia, Joy e Mousey o alimentam e cuidam dele, e, quando é hora do banho, elas o colocam no chuveiro com Peter e Paul. Se Rachel e Romesh vão sair aquela noite, Sayeed veste um dos pijamas de Peter e Paul e dorme junto com Mousey em sua cama.

Clyde não gosta que eles venham o tempo todo, mas Mousey e tio Vishnu estão sempre dizendo que a família deve permanecer unida, que a família é a coisa mais importante. Romesh e Rachel estão sempre lá, mas Philip e Marilyn não os visitam há alguns meses, por um motivo ou por outro. Mas hoje é feriado, Dia da Emancipação, e todos virão para o almoço, o que significa que a manhã será consumida inteiramente por um frenesi de limpeza e cozinha pra deixar tudo pronto. Ainda está escuro quando Clyde escuta o tilintar das panelas de ferro, o *plac-plac* dos chinelos de Mousey enquanto ela se movimenta na cozinha; quando ele se levanta, um pouco depois, Mousey já terminou de misturar e amassar a massa do *roti*, e bolotas brancas estão enfileiradas sobre uma folha de papel-manteiga em cima do balcão. Peter está sentado na cadeira de plástico branca encaixada perfeitamente no vão entre a geladeira e a lata de lixo, balançando as pernas, um bigode de achocolatado em cima dos lábios.

*image  
not  
available*

sua camisa boa. Quando todo o trabalho está encerrado, ele se senta na varanda limpa para ler o jornal.

Rachel é a primeira a chegar no seu Subaru branco, e estaciona atrás do carro de Clyde. Enquanto ela sobe as janelas, Sayeed sai do carro e vem andando até a varanda, e Rachel diz para ele correr para escapar da chuva.

“E aí, Sayeed, meu garoto!”, diz Clyde. Ele abre os braços. Sayeed vai até ele para beijá-lo, enche a mão com os amendoins de uma tigela e corre para dentro da casa. Rachel vem em seguida, cobrindo a cabeça com a bolsa. Rachel é a menina mais bonita de sua família, magra, com seios grandes e cabelos longos e cacheados. Hoje ela está usando calças apertadas azul-claras e uma blusa regata com um babado no pescoço que, às vezes, dá a Clyde um vislumbre do seu decote. As mulheres saem da casa e ficam de pé na varanda conversando por algum tempo sobre as roupas de Rachel, o que fizera na loja esta manhã e as diversas pessoas que ela encontrou no shopping; depois, elas começaram a falar sobre a mãe de Rachel e seu pai, e suas irmãs, e os maridos de suas irmãs, e as irmãs dos maridos de suas irmãs. Clyde volta a ler o jornal. Por fim, as mulheres acabam voltando todas para a cozinha.

A chuva havia cessado novamente quando Romesh chega. Ele pega uma Carib no tanque nos fundos, chuta os chinelos para longe e se senta ao lado de Clyde na varanda. Romesh tem dois fios de suor escorrendo pelo lado esquerdo do rosto: duas linhas que descem, como marcas de pneu. Ele inclina a cabeça para o lado, limpa o rosto na manga da camisa.

“Quente!”, diz Clyde.

“Velho! Passei o dia inteiro na estrada”, diz Romesh. Ele segura a camisa com os dedos perto da gola e começa a sacudi-la, para jogar um vento no pescoço. “A manhã toda, desde umas sete, oito horas.”

Ele foi até San Fernando esta manhã, diz, para pegar uma caixa de azulejos de cerâmica num hotel e depois entregá-la num lugar do outro lado de Trinidad, e teve de esperar enquanto o cliente conferia cada um dos azulejos, apontando os que estavam

*image  
not  
available*

irmão, tio Vishnu, sobre como ele conseguiu uma bolsa para estudar no St. Saviour's College, lá em Port of Spain, e depois obteve outra para estudar medicina no exterior, na Inglaterra. Clyde enche a mão de amendoins e se senta, um pé apoiado no outro joelho, olhando lá pra fora, para o quintal da frente. Ele já tinha ouvido aquela história muitas vezes, como tudo sempre acabava voltando para o pai de Mousey, Surindranath, e os sacrifícios que ele fez. Na Trilha, crianças de diversos tamanhos estão correndo pra cá e pra lá, gritando, brandindo gravetos e folhas umas para as outras; Peter e Paul e Sayeed estão olhando para elas do outro lado do portão. “E como você vê, meu filho, Philip”, diz Mousey, fazendo um gesto na direção de Philip, “tomou o mesmo caminho e agora ele é um juiz, está sempre nos jornais.”

Na varanda, enquanto Mousey fala, Romesh bebe sua cerveja, balançando os joelhos para dentro e para fora. Romesh não foi nada bem no colégio: estudou numa escola pública que ficava em algum lugar em Marabella ou algo assim, um desses locais onde os professores estão sempre em greve e as meninas ficam grávidas aos quinze anos. Sempre que Mousey começa a falar sobre essas coisas, o que acontece com muita frequência, Romesh se recusa a dar qualquer tipo de resposta, fazendo-se de desentendido. Clyde também se recusa a dar qualquer tipo de resposta, embora saiba que Mousey quer que ele fique impressionado com aquilo tudo. Mas com o que ele se impressionaria? Existem dois tipos de homem no mundo, Clyde pensa, dois tipos de pais. Um deles trabalha duro, traz todo o dinheiro pra casa e entrega para sua mulher gastar com a casa e as crianças. O outro tipo não faz isso. E ninguém pode escolher que tipo de pai terá. É simples assim.

Por volta das cinco horas, as coisas estão correndo como de costume. Quando você tem homens como Romesh e Philip bebendo álcool desde a manhã até a noite, é sempre deste jeito que tudo acaba, com uma discussão, sempre sobre os mesmos velhos temas. Quem tem mais culpa é Romesh, que é quem está mais bêbado: tudo começa quando ele pede dinheiro para Philip

*image  
not  
available*

chutneys, chocolates Hershey's, Pop-Tarts de morango. Na época do Carnaval, haverá um dia de atividades para os empregados e suas famílias, com um DJ, distribuição de camisetas, corridas equilibrando um limão numa colher, cabo de guerra.

Na próxima vez em que Philip e Marilyn aparecem para o almoço, no Divali, Philip pergunta a Clyde como está indo o trabalho na petroquímica, e ele compartilha suas informações privilegiadas sobre o condomínio em Point Lisas e os rumos que os preços do petróleo estão tomando. “É trabalho braçal, naturalmente”, diz Philip. “Suor do seu rosto!” Clyde não entende direito se ele está dizendo aquilo como um elogio ou não, mas, no fundo, ele não se importa, de qualquer forma. Agora ele tem uma fonte de renda constante, confiável: ainda não é muito dinheiro, mas é o suficiente para guardar um pouquinho todo mês. Ele abriu uma conta no Republic Bank, e a Amoco deposita o seu salário nela todo mês, não no final de cada semana, como era na construção civil. A única desvantagem, agora, são os descontos: em vez de receber a quantia integral na sua conta bancária, eles ficam com uma parte. Mas tio Vishnu disse que falaria com alguém para resolver isso.

Por causa disso, os poucos minutos que ele agora passa sentado no último degrau, com seu café, todas as manhãs, são momentos de tranquilidade e satisfação, e Clyde ensaia em sua mente as palavras que um dia dirá a Peter quando ele tiver crescido o suficiente. Se você for uma pessoa honesta, ele dirá, e trabalhar duro. Ele imagina estar caminhando lado a lado com o filho, com sua cabeleira negra e lustrosa da juventude, o corpo ainda esguio, prestes a se tornar um adulto. Você pode conquistar o que quiser na vida, ele dirá. As pessoas costumavam dizer que, como eu não tinha terminado meus estudos, nunca faria nada de bom com a minha vida, acabaria lavando para-brisas no semáforo ou vendendo castanhas numa carrocinha numa esquina. Mas olha pra mim. Eu abaixei minha cabeça e trabalhei duro, e não fui me enrolando fazendo favores pra outras pessoas pra tentar conseguir outros favores em troca. Nada disso. Então,

*image  
not  
available*

“Então!”, diz o diretor, inclinando-se para a frente, as mãos unidas. “Eu já consigo ver quem é quem!” Ele aponta para Peter. “Você parece ser o geniozinho. Peter, né?” Peter concorda com a cabeça. Ele aponta para Paul. “E você é o Paul.” Os dois balançam a cabeça. “Me disseram que vocês são gêmeos!”, ele diz. “Gêmeos siameses! Pensei que eu chegaria aqui e não conseguiria dizer quem é quem! Mas olha só como foi fácil. De cara eu já vi. Você é o Peter e você é o Paul.”

“Não somos gêmeos siameses!”, diz Peter. Ele precisa dizer aquilo o tempo todo. “Somos gêmeos normais.”

“Me disseram que vocês eram siameses!”, disse o diretor. “Idênticos! Vocês não parecem nada idênticos para mim.”

“Peter parece mais animado”, diz Mousey. “Ele é mais disposto. Paul é mais quietinho.”

“Estou vendo. Paul é o que é meio doidinho, né?” Ele o examina com cuidado. Paul quer sair dali, mas Peter o alerta para que ele não faça isso. “Ouvi dizer que ele grita e fica se balançando pra frente e pra trás, esse tipo de coisa.”

“Ele costumava fazer isso”, diz Mamãe, voltando com o leite. “Mas ele não faz mais. Não mesmo.”

“Ouvi dizer que ele enfia os dedos nos ouvidos e grita”, diz o diretor. “Vocês já ouviram o que as crianças falam dele, né? Que ele é possuído pelo demônio?”

“Crianças dizem todo tipo de idiotice”, diz Papai.

“Isso é besteira”, diz Mamãe. “Crianças são muito cruéis. Ora, isso é coisa para se dizer? Se um filho meu dissesse uma coisa dessas sobre qualquer pessoa, eu não deixaria. Que tipo de gente é essa? Quem diz essas coisas?”

“Todo tipo de gente”, diz o diretor. Ele gesticula na direção da Trilha. “É um comentário geral.”

“Isso só aconteceu uma vez”, diz Mamãe. Não é verdade, aconteceu outras vezes além daquela. “Quando eles foram fazer o primeiro corte de cabelo. Você sabe, a cerimônia, em Siparia. Eu não sei o que aconteceu, mas ele não deve ter gostado de alguém ou de alguma coisa, e daí gritou, isso é verdade. Mas ele não fez isso de novo.”

*image  
not  
available*

“Hum!”, diz Papai. “Quantos desses você pegou?”

“Um só. A gente pode dividir.”

“Continue”, diz Mamãe.

“Quatro cadernos”, diz Peter. “Dois pra cada.” Estes são todos iguais, as capas azul-claras, impecáveis, com suas bordas bem marcadas.

“Muito legal, muito legal”, diz Mousey novamente. Enquanto os adultos inspecionam os cadernos, ele e Peter organizam suas novidades em três pilhas: coisas do Peter, coisas do Paul, e coisas dos dois.

“Ótimo!”, diz Papai. Ele se acomoda na cadeira, cruza uma perna sobre o outro joelho e acende um cigarro. “Isso era tudo que estava na lista?”

“Sim”, diz Mamãe. “Eles tinham tudo lá.”

“Ótimo”, diz Papai. “Ótimo.”

Eles vão até a cozinha para pegar algumas sacolas de papel pardo do supermercado para encapar os livros: escolhem as que estão mais limpas, com menos manchas de gordura. Em seguida, ajoelham-se outra vez ao lado da mesa de centro e, cuidadosamente, cortam ao longo dos vincos do papel e o alisam. Paul tem a sensação de que todos estão olhando para ele quando coloca o *Abecedário de Nelson* sobre o papel pardo e corta a um centímetro da borda. Ele dobra e corta e alisa os vincos e, quando termina, deixa-o sobre a mesa novamente, ao lado dos outros. Peter escreve com capricho seus nomes em sua bela escrita cursiva — “Peter e Paul Deyalsingh” —, e depois os livros são passados de mão em mão para serem inspecionados de novo. Papai examina o hinário durante algum tempo e então o devolve. “Certo”, ele diz. “Tudo pronto. Podem colocá-los dentro das mochilas para semana que vem.”

Paul segue Peter pela cozinha, na direção do quarto. Quando estão voltando, Paul escuta os adultos falando baixinho, e eles se olham e se aproximam em silêncio, para ouvir o que estão dizendo.

“Ele sabe ler, sabe escrever. Sabe somar e subtrair. Vai ser uma perda de tempo botar ele no nível A do jardim de infância.

*image  
not  
available*

totalmente limpo, nem sequer está negro, mas sim de um azul-escuro e maravilhoso, a coisa toda, o pedaço inteiro do céu, iluminado pela lua. Ele inclina a cabeça para trás e fica olhando para a lua brilhosa e redonda, para as estrelas esparramadas.

*image  
not  
available*

junto com as roupas e toalhas limpas, lençóis e travesseiros, fardos de cerveja Carib, garrafas de dois litros de Sprite e Red Solo, pacotes de Chee Zees e Planters Peanuts. Dessa vez, Papai dirige com as duas mãos no volante, e, sempre que um vendedor passa com alguma coisa — sacos de *mamoncillo* ou caixas de suco Orchard Orange congelado enroladas em guardanapos de papel —, o cara só olha para o seu rosto através do para-brisa e vai para o próximo carro.

Leva muito tempo, mais de meia hora, para chegar até o ponto de encontro, Matura, na costa leste. Todos abastecem no posto de gasolina, já que não há nenhum outro daqui até a costa norte, e partem novamente, dirigindo em comboio: tio Romesh e tia Rachel na frente, no Subaru branco, com Sayeed; depois tio Philip, tia Marilyn e Anna na Mercedes-Benz; em seguida eles, no seu Datsun creme. A estrada é similar à que leva a Mayaro: reta, estreita e plana, com o mar sempre de um lado, e nada além dos pescoços magros e compridos dos coqueiros, suas cabeças peludas movendo-se ao vento da mesma maneira vagarosa e onírica com que os cabelos se movem dentro d'água.

A estrada os faz passar pelo posto policial de Toco, com dois carros azul-marinho estacionados na frente, e a bandeira de Trinidad & Tobago tremulando no topo de um mastro comprido. Duas mulheres estão sentadas no murinho de tijolo na frente, uma gorda e uma bonita, ambas vestindo jeans bem apertados e umas blusas boas, como se tivessem se arrumado para sair. À sua frente, o Subaru branco reduz a velocidade e encosta, então eles também o fazem. Tio Romesh diz alguma coisa para as mulheres pela janela do carro, e uma delas se levanta devagar e entra no posto policial, sua bunda enorme balançando a cada passo. Um homem sai de lá, usando a calça azul-marinho da polícia e uma camiseta branca com as mangas tão enroladas que mais parece um colete. Ele usa óculos escuros, coturnos, e sua arma está no coldre.

“Sinistro!”, ele chama o tio Romesh. “Senhor Sinistro Ramcharan!” Romesh e o policial riem e apertam as mãos, e o policial apoia os cotovelos na janela aberta e se abaixa para

*image  
not  
available*

Caramel (tia Rachel trouxe uma caixa inteira, vinte e quatro barras de Caramel) e fica pensando longamente sobre aquela piscina bem ali, do outro lado daquela porta. Imagina-se andando pela borda pintada de branco e depois pulando na água, isso, é claro, se tivesse alguma água ali. Ele atravessa a sala de estar na ponta dos pés e escuta os adultos no pórtico, tentando avaliar se seria seguro percorrer aquela rota na direção do quintal, mas eles falam baixinho, o que significa que estão conversando sobre o julgamento mais uma vez. Tio Philip vai ser o juiz no julgamento de alguém famoso. Paul sai pela porta da frente e desce a rampa onde os carros estão estacionados. Depois do portão da frente, o segurança e um outro homem estão fumando cigarros e jogando conversa fora em voz baixa. Paul se abaixa e vai se esgueirando por entre os carros, e então, em vez de simplesmente seguir contornando o gramado, vai na direção dos arbustos mais próximos à casa, que estão numa região mais escura. Não há nenhum motivo específico para se esconder, mas é divertido fazer de conta que se está numa missão secreta. A piscina vazia parece assombrada vista de longe, mas, quando ele chega mais perto, ela parece apenas uma piscina vazia. E há dois sapos agora, um sentado dentro da poça e o outro na parte mais rasa. Ele senta na borda pintada de branco perto da escada e fica balançando as pernas e imaginando a piscina cheia de água. Ele desce os degraus (o sapo sai pulando, descendo rapidamente o declive para a parte mais funda) e finge nadar na piscina, dando braçadas no ar.

Pouco depois, quando escuta passos na garagem, ele sai rapidamente de dentro da piscina e senta na borda: provavelmente é apenas Sayeed ou Peter querendo saber onde ele está, ou alguém vindo buscar sua escova de dentes ou seus chinelos no carro, mas ele ficaria encabulado se alguém o visse fingindo nadar na piscina vazia. Ele refaz seus passos, sempre pela penumbra e, quando se aproxima da garagem, faz uma pausa para conferir se o caminho está livre. Mas o caminho não está livre: há um homem no assento do motorista da Mercedes. Paul reconhece o formato da cabeça do homem, o pescoço

*image  
not  
available*

sono. Quando por fim acorda de vez, ouve os adultos conversando à sua volta e imagina que deve ser tarde. Há uma garrafa de rum vazia no chão e uma pela metade em cima da mesa, e o cinzeiro está cheio de bitucas de cigarro.

“Mas eu vi quando o homem o empurrou, eu tô falando!”, diz tia Marilyn. (Paul fecha os olhos rapidamente.)

“Você está imaginando coisas”, diz Papai. “Que motivo ele teria para fazer o menino rolar pelas pedras?”

“Pergunte a Paul quando ele acordar”, diz tia Marilyn.

“Você só está paranoica por causa desse julgamento.” Essa é a tia Rachel. “Tudo que acontece, você acha que tem a ver com o julgamento, esse é o problema.”

“Mas Marilyn disse que ela viu!”, diz Mamãe.

“Mas talvez ele tenha escorregado”, diz tio Romesh. “Ele é muito desastrado. Ele poderia ter morrido, vocês se dão conta disso? Olha só o quanto de problema que esse menino está causando a você, hein, Clyde? É um problema atrás do outro com ele!”

Paul tem a sensação de que os adultos estão todos olhando para ele. Ele finge espichar o corpo e se vira para ficar de cara com o encosto do sofá. Seus olhos permanecem firmemente fechados.

“O governo está me oferecendo segurança vinte e quatro horas por dia!”, diz tio Philip. “O dia inteiro!”

“E você confia neles?”, tia Marilyn diz.

“Eles são minuciosamente investigados”, diz tio Philip. “Estes homens foram escolhidos a dedo!”

“Mas escolhidos a dedo por quem?”, diz Mamãe. “Essa é a questão. Qualquer um pode ter escolhido eles a dedo, é isso que a Marilyn está dizendo.”

“Você está tentando me dizer que estou sendo ingênuo?”, diz tio Philip. “Eu não sou ingênuo. Sei exatamente o que está acontecendo. Você não vê de quanta gente eu sou amigo? O tipo de gente que eles são? Ora, nós não fomos convidados à casa do presidente para jantar no mês passado? E no mês anterior, ao coquetel na casa do Alto-Comissariado Britânico? Você acha que

*image  
not  
available*

“Sim. E eu vou ver umas casas.”

“Casas? Para morar? Então vocês decidiram se mudar?”

Silêncio.

“Bom, como eu já disse”, tio Philip diz, pesadamente, “podemos dar uma olhada. Olhar não tira pedaço.”

Tio Philip começa a falar sobre Oxford e Cambridge: aquilo podia levar muito tempo. Paul vasculha debaixo do colchão e tira uma lata de achocolatado de lá, e depois a lâmina de uma velha faca de carne que tinha perdido o cabo, e abre a tampa da lata, torcendo para que tenha guardado alguma coisa de comer ali, alguns biscoitos Crix ou Ovaltine, mas só tem uma bala de menta de um restaurante com algumas formigas mortas grudadas na embalagem. Ele coloca a tampa de volta com a palma da mão. Tio Philip ainda está falando sobre os grandes debates intelectuais no salão de jantar, todos vestindo smokings. Paul usa os indicadores para empurrar as pequenas abas que ficam na entrada dos ouvidos e escuta os mecanismos do próprio corpo: o *tum-tum* suave do coração, o escorrer da saliva quando engole, o gentil ruído do ar sendo arrastado pela sua traqueia quando inspira e expira. Bem baixinho, ele começa a zunir, sentindo a vibração se espalhando por toda a garganta. Peter bate em seu joelho para lhe dizer que pare.

“A irmã Frances disse que a gente devia pensar pra qual escola o Peter vai prestar a prova.” Essa é a voz de Papai. “Ela disse, qualquer escola que vocês escolherem pra fazer o Eleven Plus, ele será sua primeira escolha. Eu garanto.”

“Pra qual ele vai fazer?”, pergunta tio Philip.

“Bom, pro St. Saviour’s College!”, diz Papai.

“Quê? Aquele em Port of Spain? Pra ele ter que se deslocar até lá todo dia?” Tio Philip cita outras escolas mais próximas. “Essas escolas também são muito boas”, ele diz.

“Mas por que se contentar com ‘muito bom’ quando se pode ir para o melhor?”, diz Papai. “Por quê?”

“Mas... fica muito longe, você já se deu conta?”

“Eu sei. Esse é o único problema. Mas vou dar um jeito. Primeiro, deixa ele entrar. Se ele entrar, eu dou um jeito.”

*image  
not  
available*

ajudam a aprender. E, de todo modo, você não vai fazer um teste hoje. É só uma avaliação.”

“Você pode não chamar de teste”, diz Peter. “Mas, mesmo assim, é um teste. Né?”

Ela não diz nada, só puxa as cadeiras para que eles se sentem. “Vocês querem sentar juntos ou separados?”

“Juntos”, diz Peter.

“O.k.” Ela está segurando folhas xerocadas — páginas grampeadas. Aquilo é um teste, Paul pensa. Por que ela estava tentando dizer que não é um teste? Ela entrega um teste a Peter e outro a Paul. Peter começa a ler o seu.

“Espere, não comece. Preciso marcar seu tempo”, diz tia Marilyn. Ela tira seu relógio e o coloca sobre a mesa. “Quarenta minutos”, ela diz.

“Tia”, diz Paul, sua voz fraca, “eu te disse, estou me sentindo mal.”

Tia Marilyn parece com os Muppets da *Vila Sésamo* quando eles ficam bravos — suas bocas ficam amarrotadas. “Paul. Isso vai levar menos de uma hora. Isso não é um teste. Você pode ler as perguntas e responder o que conseguir? Não precisa responder a todas. Eu não estou esperando que você chegue até o fim.” Depois que para de falar, ela fica olhando para ele. Paul a encara de volta. Ele pega o lápis e o agarra com força, como se fosse quebrá-lo com a mão.

“O.k., vou começar a contar o tempo agora”, ela diz. Ela se inclina para olhar o relógio e depois sai da sala.

Peter abre o livreto. “Você quer copiar do meu?”, ele sussurra.

Paul balança a cabeça. Ele enfia os pés nos chinelos de dedo e eles saem fazendo *plac-plac-plac* enquanto ele passa pela cozinha, pela lavanderia e pela porta, em direção à rua. É bom sentir o calor do sol depois da umidade gelada da casa da tia Marilyn. Ele nem perde tempo tentando abrir o portão, simplesmente tira os chinelos, segura as barras e começa a escalar: um, dois, três movimentos, e ele está no topo, desviando das pontas de ferro, e depois um, dois, três, e já desceu do outro lado. Ouve-se um

*image  
not  
available*

resolver tudo.”

“Mas como você vai fazer isso?”

“Você precisa entender as pessoas, Joy. Cê tá me ouvindo? Eu entendo as pessoas. Estou te dizendo, eu vou resolver tudo.”

*image  
not  
available*

gêmeos da escola, e diz que são muito populares por causa do grande número de oportunidades de pregar peças.

“Mas hoje não”, diz Peter, para se certificar.

“Não! Você tá louco? Definitivamente hoje não!”, diz o menino, rindo.

Eles passam perto de uma pracinha verde e com muita sombra, com portões em cada um dos lados e caminhos entrecortando seu interior. Perambulado por lá, um mendigo: velho, acinzentado, com dreadlocks compridos demais e roupas sujas e fedorentas. Ele está cantando um hino, murmurando as palavras que ele não lembra, e gritando as que recorda: “Criador! Su-a-ve! Gló-ri-a!”.

Conforme eles vão contornando a cerca — barras de ferro bem retas, com as pontas douradas como lanças —, Paul sente que os olhos do mendigo estão fixos nele. “Estudantes!”, o homem grita. O menino sorridente acena para o mendigo, dando uma risadinha, e diz, baixinho, para Peter e Paul: “Esse cara é legal, desde que esteja do *outro* lado da cerca”. O mendigo gargalha ruidosamente e depois começa a cantar um pedaço da letra do calipso “*Hurry hurry, come for curry*”. Ele canta o refrão repetidas vezes, batendo o pé no chão no ritmo da música. Quando os meninos chegam ao final da praça e se preparam para atravessar a rua, Paul vê uma mulher de salto alto entrar por um dos portões para atravessar o parque. O mendigo se vira para segui-la; ele tira sua coisa pra fora e balança para a mulher, ainda cantando aquela música. A mulher o ignora e segue fazendo seu *clop-clop* até sair pelo outro portão.

Na sala de aula — ele está sozinho, o menino sorridente levou Peter para algum outro lugar —, Paul escolhe uma mesa que não fica exatamente no fundo, mas quase, e próxima às portas que levam ao corredor. Na parte da frente da sala fica a mesa do professor, em cima de um tablado de madeira. Atrás da mesa há um quadro-negro, não cinza como eles geralmente são, mas muito negro, recém-pintado, com uma caixa de giz fechada na canaleta que fica na parte inferior. Numa outra parede há um quadro de avisos de feltro verde, onde alguém usou as tachinhas